OS ANIMAIS na Bruxaria

UNIVERSIDADE HOLÍSTICA
Carmem Romani Sunacai

UNIVERSIDADE HOLÍSTICA
Carmem Romani Sunacai

NOSSOS OBJETIVOS:

- Levar o conhecimento da Cultura e Tradição Cigana.
- Oferecer cursos e atendimentos que proporcione a busca do conhecimento e autoconhecimento individual e em grupo.
- Nossa meta é atender a necessidade da busca do ser para o seu crescimento. Sejam bem-vindos!

FACILITADORA:

Shuvani - Tsara Gitana Carmem Romani Sunacai
Oraculista, escritora, numeróloga e orientadora metafísica.

"É uma honra compartilhar meus conhecimentos para que você encontre seu caminho de destino e evolução".

Profª Rhose de Souza
(11) 97965-6112 carmemromanisunacai
www.carmemromanionline.com

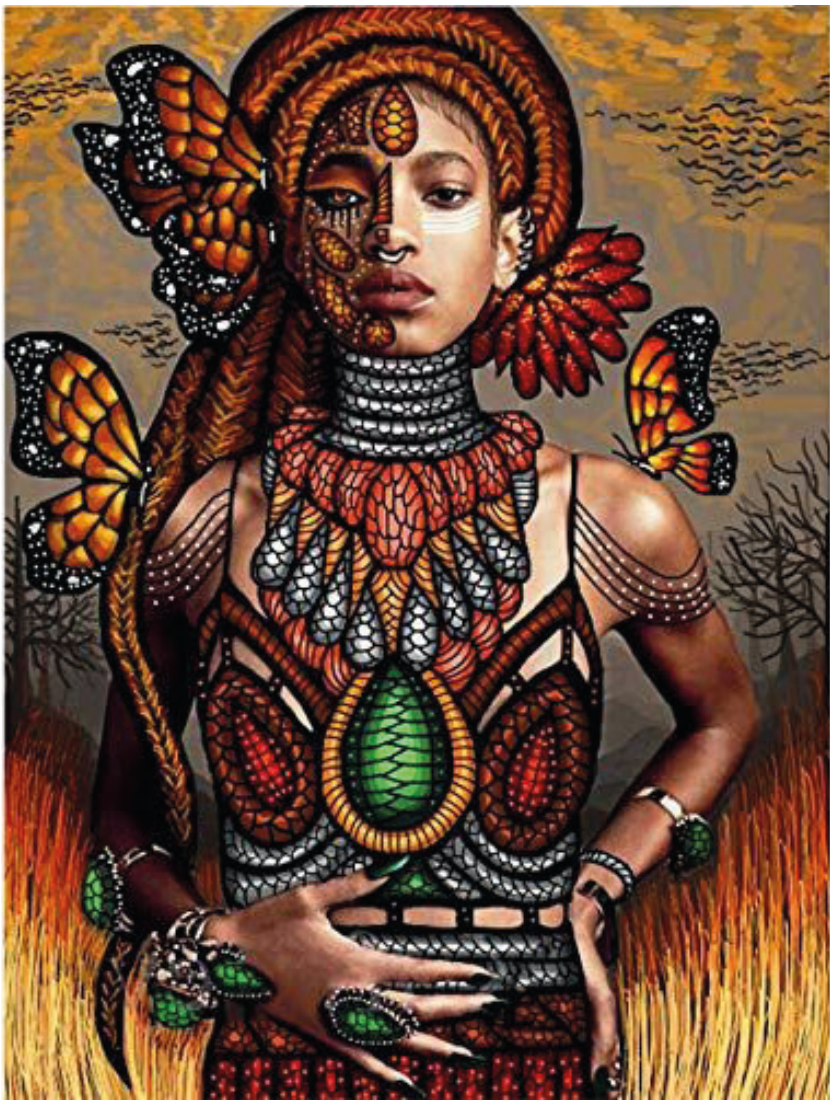
Os animais têm um papel importante nas lendas e na mitologia, nas quais são com frequência retratados como detentores de capacidades mágicas poderosas e transformadoras. Infelizmente, com a adaptação das imagens dos animas para personagens de histórias infantis "bonitinhos", higienizados e seguros, esse aspecto místico se perdeu.

Muitos animais encontrados em velhas histórias e lendas, têm uma forte associação com a Lua e costumam ser relacionados a mulheres ou deusas. Eles têm um importante papel nessas histórias, seja oferecendo ensinamento e orientação, seja representando as energias da mulher ou da Deusa numa forma com a qual a pessoa possa se relacionar num nível não intelectual.

Alguns animais representam uma faceta particular da Deusa, em alguns casos um aspecto que perdeu importância ou foi escondido. Outros personificam as energias ocultas das mulheres ou da Lua.

Esses animais não são apenas parte da história, são imagens que ganham vida em nossa mente e fantasias. Eles representam o nível instintivo do nosso ser, um nível que é importante para a mulher, mas reprimido pelo mundo moderno cientificista.

BORBOLETA



O uso da borboleta como símbolo da feminilidade remonta ao período Neolítico. A imagem da borboleta representava a Deusa minoica da Vida e da Fertilidade, e a forma de suas asas, os lábios que evidenciavam a entrada da vagina da mulher. Na cultura asteca, a borboleta era usada como um símbolo da fertilidade e da vegetação, e uma espécie particular de borboleta era o símbolo da Deusa em rituais associados a mulheres e flores.

A borboleta era associada à alma e ao fogo do espírito e do renascimento. A transformação da lagarta em borboleta era vista como uma metáfora do conceito de vida após a morte, em que se deixava a velha forma de um corpo material para se viver numa forma nova e mais bonita. Numa lenda irlandesa, Etain foi transformada em borboleta por um rival apaixonado e viajou o mundo sob essa forma até renascer mais uma vez como humana.

A borboleta também era associada ao fogo e a palavra gaélica para descrever a tocha acesa no fogo cerimonial, para então acender as fogueiras da comunidade, era a mesma usada para denominar a borboleta.

Assim como outras imagens femininas, a borboleta era relacionada à Lua, e a curva de suas asas refletia a curvatura da Lua Crescente e da Lua Minguante. Sua forma foi estilizada pela cultura minoica na imagem do labrys, um machado com duas cabeças.

Profª Rhose de Souza
(11) 97965-6112 carmemromanisunacai
www.carmemromanionline.com

UNICÓRNIO

O unicórnio era visto como uma criatura da Lua. Ele era sábio e belo, representava pureza, gentileza e proteção e iniciava a mulher na vida adulta. Há muitas descrições do unicórnio, com relatos das formas de seu corpo e tamanhos que variavam entre o de uma cabra ou de um cervo grande, mas a imagem que permaneceu foi a de um cavalo branco com um único chifre no centro da testa.

O chifre, que poderia ser pontiagudo ou espiralado, era chamado de "alicórnio" e foi descrito como sendo branco na base, negro no centro e vermelho na ponta, cores associadas às representações lunares femininas.

O alicórnio tinha a habilidade de proteger e de tornar qualquer veneno inofensivo, refletindo o poder da transformação.

Na mitologia romana, o unicórnio era associado à caçadora Diana, que dirigia uma carruagem puxada por oito desses animais.

O unicórnio era visto como um animal nobre e inteligente, que vivia sozinho na floresta selvagem como o guardião das outras criaturas do reino da floresta. Selvagem e perigoso demais para ser caçado à maneira tradicional, a única forma de capturá -lo era atraí – lo para uma armadilha, cuja isca era uma virgem, às vezes sentada por sua própria vontade, ricamente vestida, e outras vezes contra sua vontade, atada nua a uma árvore. Atraído pela pureza da Donzela, o unicórnio deitaria a cabeça no colo da menina e se deixaria ser capturado e morto.

A ponta vermelha do chifre transformador do unicórnio, deitado no colo da jovem, pode ser vista como um símbolo da menstruação, do despertar da puberdade e da experiência sexual.

O unicórnio trazia o primeiro sangramento à virgem, oferecendo – lhe a espiral do ciclo por meio das fases e das cores da Lua.

O animal não era atraído pela donzela, mas ele é que levava a todas as virgens o dom da condição de mulher adulta. O símbolo fálico do chifre pode indicar que, assim como a serpente, o unicórnio era considerado o primeiro parceiro sexual da mulher, o qual lhe trouxe seu sangramento.

Os homens nunca deveriam caçar um unicórnio, pois ele representava os poderes da feminilidade; entretanto, uma vez capturado pela virgem, o unicórnio poderia ser guiado pela moça, por ser então uma parte dela mesma.

A caça do unicórnio poderia recordar a busca pelo Santo Graal, que só poderia ser encontrado pelos homens com a ajuda de mulheres. Acreditava-se que, a cada vez que um unicórnio morria, um pouco de magia também deixava este mundo. No mundo moderno, em que as energias da feminilidade têm sido reprimidas, são poucos os unicórnios. Talvez tenha chegado o momento de chamá-los de volta.

POMBA

Muitas deusas lunares eram representadas como deusas-pássaros, e a pomba, de modo particular, foi longamente associada à divindade feminina e à Lua. Ela era um símbolo de Ishtar, Astarte, Inanna, Reia, Deméter, Perséfone, Vênus, Afrodite e Ísis e tornou-se a representação do Santo Graal. A pomba também é encontrada em muitas imagens da Virgem Maria. De modo universal, a pomba era o símbolo da Rainha do Paraíso, da feminilidade, da gentileza, do amor, da sexualidade, da espiritualidade, da sabedoria e da paz.

Como símbolo da luz da Lua, a pomba trazia sabedoria e inspiração ao mundo. Na tradição gnóstica, Sophia, a "Sabedoria Sagrada", era representada pela pomba, vista como a portadora da luz da Mãe Celestial para a Terra. Na arte medieval cristã, a pomba era representada pelo Espírito Santo e pintada pairando sobre a cabeça de Maria na Anunciação e sobre Cristo em seu batismo.

A pomba também era associada à Árvore da Lua e, com frequência, retratada sobre seus galhos. Outra imagem similar que podia ser encontrada era a da pomba pousada nos cabelos da Deusa da Lua. A pomba com o ramo de oliveira no bico, oferecendo o fruto da árvore, era um emblema da renovação da vida tanto para Ishtar quanto para Atena.

Assim como eram sagradas para as deusas, as pombas brancas eram sagradas também para as Moiras e refletiam a ligação entre os pássaros e os poderes proféticos e oraculares da Lua. O antigo oráculo grego de Dodona era um carvalho em que vivia um bando de pombas, cuidadas por sacerdotisas que se denominavam, elas mesmas, "pombas". O oráculo se dava nas vozes dos pássaros, em seu som farfalhante por entre as folhas ou em seu voo. Nas pinturas da Anunciação, a pomba às vezes era representada com a cabeça na direção do ouvido de Maria, como se lhe contasse seu destino.

Além disso, a pomba simbolizava o aspecto da Lua que concedia a vida e o amor. Representava o dom da natureza feminina de trazer harmonia reunindo o espírito à consciência, a humanidade à natureza e a voz interior da sabedoria à intuição.

Profª Rhose de Souza
(11) 97965-6112 carmemromanisunacai
www.carmemromanionline.com

CAVALO

Em muitas culturas, o cavalo, em particular a égua, representava os poderes da fertilidade, da energia vital, da profecia, da magia e das profundezas emocionais e instintivas. A égua branca simbolizava os poderes da Lua, e seus cascos em forma de lua crescente traziam sorte e proteção. A égua simbolizava a maternidade, o amor e a fertilidade da Terra. Como o poder da Terra, ela trazia Soberania.

Na Irlanda, o cavalo era usado como parte do ritual de coroação do rei. Também se acreditava que o espírito do milho tomava a forma de um cavalo nas colheitas.

Mesmo nos tempos modernos, a imagem do cavalo na forma de um hobby horse ainda é exibida em datas especiais ligadas à passagem do ano. Um hobby horse é uma fantasia feita para ser vestida por uma pessoa, na maioria das vezes pintada de preto, vermelho ou branco.

Para o povo celta, o cavalo tinha uma grande importância. A deusa equina gálica Epona, cultuada pelos celtas, era uma deusa tríplice.

Normalmente era retratada montada numa égua ou junto a éguas e seus filhotes, segurando uma cornucópia, um pente, um espelho ou um cálice. A deusa equina equivalente dos galeses era Rhiannon, que tinha um bando de pássaros cujo canto poderia despertar os mortos ou provocar o sono profundo nos vivos, o que refletia seu aspecto mais escuro como deusa da morte e do renascimento.

O cavalo era relacionado aos lagos, ao mar e também à terra. A égua representava a Grande Mãe das águas primordiais, a fonte da vida. Mesmo atualmente, as brancas cristas das ondas são mencionadas como “cavalos brancos”.

A água, para os celtas, era associada ao Outro Mundo e, em suas lendas, cavalos mágicos carregavam heróis pelos mares até a terra maravilhosa. As histórias folclóricas falam de cavalos mágicos que pastavam às margens de lagos e poços; se alguém tentasse montar esses animais, eles jogariam o cavaleiro nas águas e o afogariam ou devorariam.

Em algumas histórias, os cavalos podiam ser identificados pelo fato de terem os cascos e ferraduras invertidos. Essas imagens de cavalos relacionados à água refletiam os aspectos lunares sombrios associados à morte e a passagem para as profundezas do ser.

Os cavalos faziam a ligação entre os mundos visível e invisível e eram montados por xamãs que podiam viajar entre esses mundos. Também se acreditava que uma bruxa poderia transformar-se num cavalo com facilidade.

Em outra imagem, o cavalo simbolizava o ciclo lunar inteiro. Ele representava as forças dinâmicas da vida e a fertilidade manifesta das fases visíveis da Lua, ao mesmo tempo que representava os poderes interiores e ocultos de transformação e a morte com a Lua escura.

GROU

O grou não é um pássaro associado a muitas histórias folclóricas e lendas. Na mitologia grega, ele era visto como guardião e símbolo de vigilância e paciência. Na tradição celta, ele tinha fortes associações com o feminino. O grou europeu é um grande pássaro cinza de pescoço longo e branco e cabeça preta, com o topo de um vermelho brilhante.

Como pássaro aquático, era relacionado ao Outro Mundo e visto como um animal mágico e secreto, com poderes sombrios. Nas lendas celtas, o grou era associado às deusas hostis, às velhas mulheres de mau temperamento ou às mulheres sexualmente promíscuas. Há várias histórias em que as mulheres são transformadas em grous:

São Columba, da Irlanda, transformou a rainha e suas servas em grous como castigo; Manannan, o Deus do Mar, possuía uma bolsa mágica feita com a pele de um grou que um dia havia sido uma mulher, transformada por causa de seu ciúme; e o herói irlandês Fionn, quando criança, foi salvo de cair de um penhasco por sua avó, que se transformou num grou.

O grou também era associado à morte, ao fim do ano velho e à mudança das estações. Histórias irlandesas tratam dos "quatro grous da morte", filhos encantados de uma velha chamada "A Bruxa do Templo". Outra lenda conta que o deus Midir tinha três grous que poderiam roubar dos guerreiros a coragem e a força para lutar e que, se um guerreiro visse um grou num campo de batalha, tratava-se de um mau presságio.

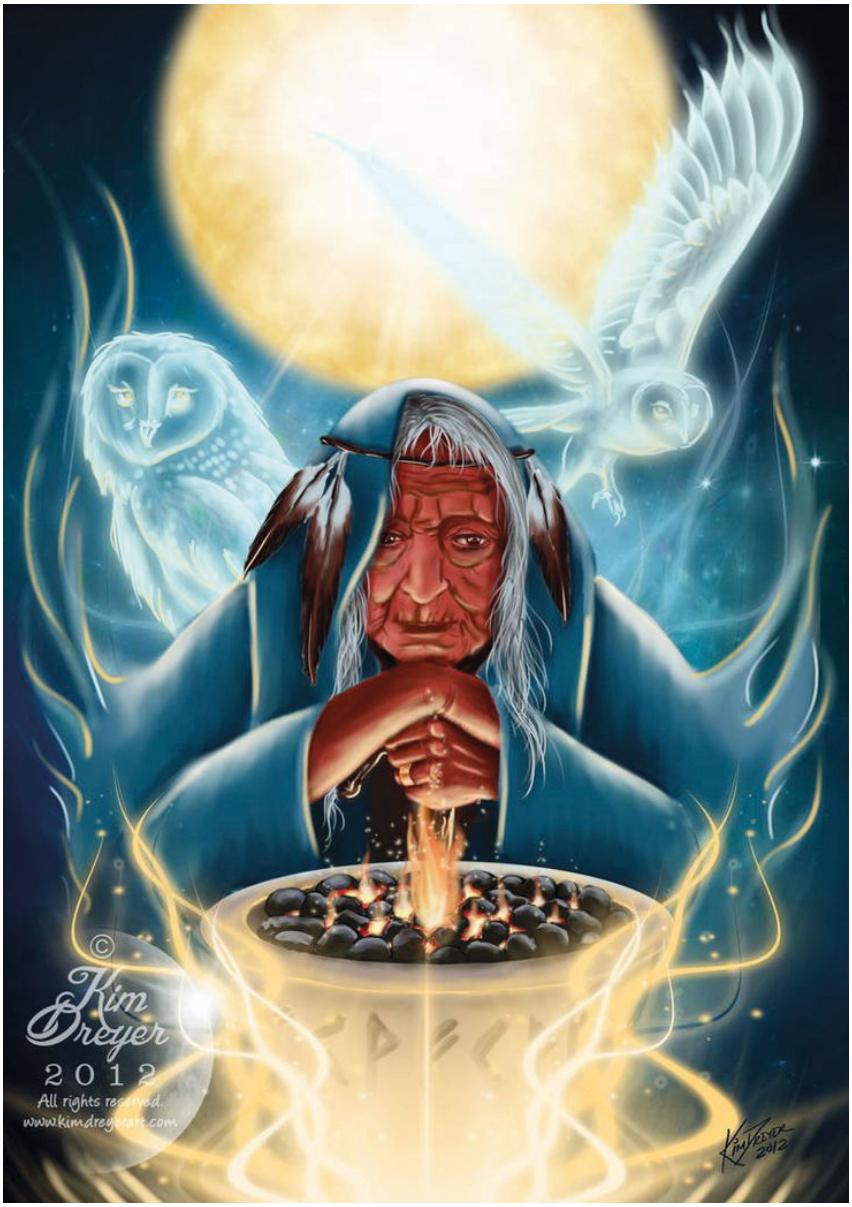
O enfraquecimento do espírito do guerreiro atribuído ao grou demonstra tabus muito parecidos aos associados às mulheres menstruadas.

Em todas essas histórias, as mulheres grous demonstram comportamento e capacidades correspondentes aos das fases menstruais e pré-menstruais. Elas são vistas como rudes, hostis, sexuais e capazes de trazer desastre e morte aos homens. O grou, entretanto, também era ligado à profecia, à mudança dos ciclos, ao transe reflexivo e à tutela, representando os aspectos positivos dessas fases.

Profª Rhose de Souza
(11) 97965-6112 carmemromanisunacai
www.carmemromanionline.com

CORUJA

Nos tempos modernos, a coruja tornou-se símbolo de sabedoria por meio de sua associação à deusa grega Atena e à deusa romana Minerva, mas seu antigo simbolismo, presente nas tradições da Roma e da Grécia antigas, estava relacionado à morte e à destruição.



Acreditava-se que ouvir o chamado de uma coruja à luz do dia ou por três noites seguidas era um anúncio de morte. Na Escócia, a coruja era conhecida como Cailleach, ou anciã, associada ao inverno e à morte.

A coruja também tinha uma forte conotação sexual. No País de Gales, dizem que o piado de uma coruja significa que uma mulher solteira acabou de perder a virgindade. Nas lendas celtas, a coruja aparece na história de Lleu.

O tio de Lleu, que tem poderes mágicos, usa flores e plantas para fazer para o sobrinho uma noiva mágica chamada Blodeuwedd, que significa "Rosto de Flores" em galês. Blodeuwedd, porém, foi fiel a Lleu apenas enquanto as flores mantiveram seu perfume, apaixonando-se em seguida por um caçador. Esse caçador feriu Lleu gravemente com uma flecha, o qual estava à beira da morte quando foi encontrado e curado por seus tios.

Como castigo por sua traição, a noiva infiel foi transformada numa coruja e, ainda hoje, a palavra na língua galega para coruja é blodeuwedd.

Blodeuwedd era uma mulher sensual que seguia sua própria natureza. Por muitas razões, a culpa pela traição não era dela, mas do homem que a criou com expectativas pouco realísticas.

A história de Blodeuwedd assemelha-se à de Lilith, feita, assim como Adão, da própria terra.

Por ser sua igual, ela recusou-se a ter relações deitada embaixo dele e fugiu do Éden.

Lilith passou então a ser relacionada à coruja e a seu piado e era representada com garras nos pés e asas de pássaros. Ela era vista como demoníaca, como o aspecto negro da Lua e da feminilidade.

Ela era a Rainha do Mundo Inferior, quem levava a morte aos bebês e seduzia os homens durante a noite. Como tal, era o aspecto escuro de Eva, a maldição menstrual que Eva trouxe ao mundo por meio da serpente.

Ambas as histórias mostram a verdadeira natureza da mulher, para passar de Donzela a Bruxa Anciã. A coruja simbolizava os poderes ocultos inerentes a ela, a sabedoria do ciclo menstrual e a transformação e a morte necessárias ao velho eu a fim de que haja renovação.

Profª Rhose de Souza
(11) 97965-6112 carmemromanisunacai
www.carmemromanionline.com

LEBRES

Lebres, e posteriormente coelhos, eram símbolo de fertilidade, das energias dinâmicas de vida, de crescimento, renovação e prazer sexual e estavam associadas de forma direta à Lua e a suas deusas.

De modo particular, a lebre estava associada à deusa Ostara, que deu seu nome à festa moderna da Páscoa. Ostara era representada com uma cabeça de lebre, e eram suas lebres que deixavam os ovos da nova vida para anunciar o nascimento da primavera – uma imagem que ainda pode ser encontrada no moderno "coelhinho da Páscoa".

A deusa escandinava da Lua e Freya, a Deusa do Amor e da Fertilidade, eram servidas por lebres, assim como a deusa romana Vênus. Dizem que os desenhos na superfície da Lua representam um coelho ou uma lebre e, na tradição ocidental, a lebre se torna fértil ao olhar para a Lua no céu.

A lebre também era associada aos poderes lunares e femininos da adivinhação, à transformação, à sexualidade e à loucura inspirada.

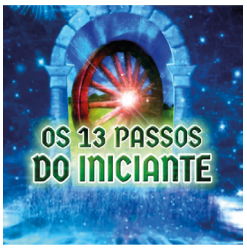
A rainha celta Boadiceia tinha uma lebre para adivinhação: ela a soltava de debaixo de seu manto antes da batalha e, de acordo com o rastro que ela deixava com a sua corrida, previa-se o que estava por vir.

A relação da lebre com a sexualidade sobreviveu até os tempos modernos e encontrou expressão no conceito de "coelhinha", a bunny girl. Possivelmente devido a esses seus aspectos "indesejáveis", a lebre era vista pela Igreja medieval como animal de mau agouro e foi associada às bruxas. Uma bruxa na forma de uma lebre só poderia ser morta com um crucifixo de prata ou, posteriormente, com uma bala de prata.

UNIVERSIDADE HOLÍSTICA

Carmem Romani Sunacai

CONFIRA NOSSOS CURSOS ONLINE



Inscreva-se:

www.carmemromanionline.com